

## 28 de novembro de 2016: conhecer o passado para viver e amar o presente e cultivar a esperança no futuro



Transcorreram 129 anos desde quando Dom Scalabrini, na Igreja de Santo Antonino de Piacenza, recebendo nas suas mãos, por parte dos reverendos Domenico Mantese e Giuseppe Molinari, o “ato de empenho solene de dedicar-se à nova missão e de observar o *regulamento provisório*”, deu início à nossa família religiosa.

O tempo transcorrido desde aquele dia viu um alternar-se de momentos de entusiasmo e de situações críticas, de retomada dos ideais fundantes e de eventos sofridos, às vezes desconfortantes, de exemplos extraordinários de heroísmo de tantos coirmãos missionários, de fechamento de posições históricas, como também de abertura e empenhos pastorais anteriormente impensáveis. Não podemos esquecer, no contexto histórico atual, o particular florescimento de vocações sobretudo no continente asiático, fenômeno que vem dando uma nova vitalidade e esperança a toda a Igreja, à nossa Congregação e que, justamente pelos desafios inéditos que traz e que exigem um empenho renovado por parte de todos, espero de coração que seja uma promessa para o nosso campo missionário no serviço aos migrantes.

Pois bem, o futuro que se abre diante de nós, com um mundo no qual cresce sempre mais o contínuo migrar de homens e mulheres quase sempre em condições dramáticas, coloca a nossa missão e a nossa Congregação no coração dos desafios que interpelam a própria Igreja. A semente lançada pelo Bem-aventurado Scalabrini encontrou terreno “bom”: o passado, robustecido por uma história feita de sacrifícios, escolhas, santidade de vida e gestos por parte de numerosos missionários scalabrinianos, constitui as “raízes”, sem as quais a nossa história, não só tornar-se-ia incompreensível, mas seria destinada a morrer. O presente representa a “asas”: podemos ainda ser sinais confiáveis, significativos, exemplares se nesta história formas capazes de alimentarmo-nos cotidianamente na fonte. Em qual fonte? Antes de tudo, na “fonte da verdadeira Vida”, o Senhor Jesus, sem o qual “nada é possível”; depois, na figura, no exemplo, nas intuições e no ânimo do Fundador e de seu carisma; depois, na história frequentemente desconhecida, mas exemplar, de coirmãos que deram a vida pelo ideal scalabriniano e, enfim, no grito

mesmo dos migrantes. Sim, o lamento das pessoas arrancadas de sua terra e do afeto dos próprios familiares queridos, por causa da fome, da guerra, das carestias, das injustiças, das mudanças climáticas, das perseguições constituem um apelo frente ao qual não é possível “passar de lado”: esse grito não deve permitir, sobretudo a nós missionários scalabrinianos, um modo de viver indiferente e tranquilo, sem que em nosso ânimo não surja a mesma pergunta que provocou o ânimo de Scalabrini: “o que fazer para buscar remédio?”.

O futuro está nas mãos do bom Deus. Ao Senhor, que guia a história de modo admirável mas com frequência incompreensível à mente humana, confiamos os projetos que animam a nossa ação, as nossas esperanças, a nossa boa vontade, bem como nossas fraquezas e e fragilidades. Ele saberá “fazer novas todas as coisas” e nos surpreenderá continuando a tecer o seu desenho de salvação, até a completa unificação do universo.

A todos desejo que vivam este aniversário de Fundação com serenidade, num espírito de fraternidade e comunhão, abençoados pelo Senhor e acompanhados pela presença viva e forte do nosso Bem-aventurado Fundador.



*p. Alessandro Gazzola cs*

p. Alessandro Gazzola cs

Roma, 28 de novembro de 2016